



VISTA DE PARTE DE LISBOA, TOMADA DO ALTO D'ALMADA.

QUANTAS vezes fallar-mos de Lisboa, hade ser com elogios! — Dirá alguém, que não viu esta formosa capital, que o amor nacional nos faz exaggerados—mas, para testemunhas não equívocas da verdade, ahí estão esses escriptores estrangeiros, apaixonados por suas terras e orgulhosos como eram, que pondo mil defeitos no pobre Portugal, não poderam resistir á convicção, e descreveram Lisboa, por sua posição e porto, como a rainha entre as cidades da Europa, que gozam a preeminencia de cabeças de seus respectivos estados. Link, com a sua má lingua, que, entretido a colher plantas, olhava pouco para os costumes da nação, e por isso mentiu tão superficial e descaradamente; o inglez Murphy, pessoa de rasão mais imparcial, todo embevecido em obras d'arte, por sua profissão d'architecto; Chatelet, Kinsey e outros confessaram quanto era bella e magestosa a séde da monarchia portugueza. Das eminencias, que a circumdam, são deleitosas e variadas as vistas que offerece ao espectador; transportai-vos porem á margem meridional do Tejo, e dos outeiros, que a guarnecem, olhai para a nossa cidade, e desfructareis novas e interessantes perspectivas. A predilecção que os habitantes de Lisboa manifestam pelos passeios á *outra-banda*, talvez se fundamente no regozijo, que infunde n'alma o delicioso aspecto da nobre povoação, onde por horas deixaram seus lares domesticos.

Em alto fragoso está assentada a villa de Almada; podemos dizer que a edificaram em cima d'um penedo. Como sentinella avançada olha respeitosa e vigilante para a sua capital, que na margem do norte se dilata com belleza e magestade. Ao redor d'Almada ficam precipicios, mas daquellas alturas tam-

bem se avista a foz do Tejo; e em frente, desde o bairro de Belem até o convento de Santos-o-Velho; se estende Lisboa com a sua compacta população: dalli, apenas ladeando no ponto que occupa, o espectador avista os logares d'Amora, d'Arrentella, os paços d'Azeitão, a eminencia de Palmella; o Seixal, o Barreiro, terras quasi exclusivamente de pescadores; Lavradio, acreditada por seus generosos vinhos; Aldêa-gallega, sitio de frequentissimo transito, Alcochete e outras; e tambem se divisa o castello da piscosa Cezimbra, como lhe chamou Camões.

Almada, com o seu castello no sitio mais elevado, foi (ao que dizem alguns) fundada pelos inglezes, que entraram o Tejo na armada do norte de Guilherme, o da longa espada, que tanto auxiliou D. Affonso Henriques na tomada de Lisboa: contam que este nosso inclito monarcha doára este districto aos que desistindo da cruzada á Palestina, a que se destinavam, preferiram ficar em nossas terras: referem mais que estes primeiros povoadores lhe pozeram o nome de *Vimadel* (1), que em sua lingua significava *povoação de muitos*; porém que, possuindo-a de novo os mouros, foi tirada do dominio destes por um cavalleiro, do appellido de Almada, descendente dos primeiros, que com esta denominação de sua familia fixou o da povoação. Ha quem diga que um arabe, por nome Almadéz ou Almadão a fundára: porém nestas controversias d'etymologias, de ordinario ou vagas ou falsas, não queremos entrar, e deixamos a escolha ao arbitrio dos leitores, em quanto não houver quem as assente de forma incontestavel.

Sabemos que D. Sancho 1.^o deu foral á Villa d'Al-

(1) Monarq. Lusit. tom. 3.^o livro 10. cap. 27.

mada, e fez della doação aos cavalleiros da ordem militar de S. Tiago em 1187, e que D. Diniz a incorporou na Corôa, dando em troca á dita ordem as villas de Almodovar, e Ourique com os castellos de Marachique e Aljesur. — As suas duas parochias, a de N.^a S.^a d'Assumpção, vulgó Santa Maria do Castello, e de Santiago, são de remota data: a casa da Misericórdia fundou-se n'um hospital instituido pela infanta D. Beatriz, mai d'elrei D. Manuel. Os seus arredores são cobertos de quintas e fazendas rendosas, onde se cultivam os generos, que fazem a abastança do nosso paiz: familias nobres e ricas ahí tinham, e muitas, conservam hoje apraziveis vivendas.

Dos mananciaes nas visinhanças de Almada faz menção o Dr. Francisco da Fonseca Henriques no seu *Aquilegio medicinal*, e diz que a agua da fonte do Alfeite, chamada a *biquinha*, era excellente, usada contra os acháques de dor de pedra, e areias da bexiga. A Fonte da Pipa, que de Lisboa se está vendendo, é notavel pela bondade e abundancia das aguas, de que se refazem os navios para suas viagens; e tem contigua uma pequena praia, como a fez a natureza, sem artificio algum, mas que é uma especie de portinho, capaz de conter dezoito lanchas. O logar de Cacilhas, assente á beira d'agua, n'uma quebrada entre os outeiros, pela qual se prolonga para o interior, é como um porto d'Almada, com seu caes de segura cantaria, principalmente frequentado dos barcos e pessoas, que transitam de uma para a outra margem. Se deixarmos a villa no alto, e caminhar-mos á esquerda, depois do desembarque, iremos dar á *Cova da Piedade*, onde ha uma ermida, em que houve n'outros tempos um pequeno recolhimento; o rocio adjacente foi celebre pelas festas que se faziam em repetidas romarias, e agora ainda mais o é depois da memoravel batalha do dia 23 de Julho de 1833.

No districto d'Almada fica a Torre-velha, ou de S. Sebastião de Caparica, assim apellidada dos nomes de um logarejo proximo, e do fundador, elrei D. Sebastião: está fronteira á outra torre de S. Vicente de Belem, fechando esta garganta, que é das mais estreitas paragens do rio; como encerram a foz as outras fortalezas, de S. Julião, e de S. Lourenço ou do Bogio. Póde jogar artilharia ao lume d'agua, mas não é defensavel do lado da terra, por isso que lhe fica sobranceira uma altura muito visinha.

No termo da villa ha muitos logares; alguns bastante apraziveis pelas quintas de que são cercados: por duas especiaes circumstancias mencionaremos dois delles. — O logar da Amora, em sitio desafrontado e ameno, tem uma freguezia do orago de N. S.^a do Monte Sião; dizem os P.^{es} Carvalho e Fr. Agostinho de St.^a Maria ser a unica desta invocação que ha nos paizes catholicos da Europa. A aldeia de Payo Pires, que erradamente chamam de Pai Pires, deve o nome ao seu donatario, o esforçado D. Payo Pires [ou Peres] Correa, que libertou o Algarve do jugo mourisco, e tem honrada memoria em nossas antigas chronicas.

Em Almada nasceu, residiu por muito tempo, e morreu o erudito Diogo de Payva d'Andrade, sobrinho (*), auctor do poema epico em verso latino, *Chauleidos*: de quem diz o P.^o Antonio dos Reis, em um dos epigrammas do *Enthusiasmo poetico*, que «extrahindo os sons da tuba altisonante, e cantando, infundíra espanto ao rochedo d'Almada.» *Cantantem pavilans extimuit Almadica rupes.*

CIDADE DE VIZEU.

3.^o

ENTRANDO pela historia de tempos em que os factos são menos duvidosos, vemos que no berço da monarchia portugueza ainda Vizeu conservava vestigios das muralhas, que muito anteriormente a haviam cingido; mas por mais de quatro seculos esteve completamente aberta e exposta á invasão dos inimigos; de fórma que os castelhanos, que escaparam da batalha de Aljubarrota em 1385 a destruíram, sem achar resistencia, mettendo á espada os habitantes, ficando apenas as torres chamadas romanas, onde alguma gente se salvou. Mandava o troço hespanhol um João Annes Barbuda; porem não ficou sem castigo a vingança vil dos cobardes fugitivos, sendo de todo desbaratados, entre Valverde e Trancoso, por D. João Fernandes Pacheco, senhor de Ferreira, que os acommetteu com os habitantes desta villa de acordo com o governador de Trancoso e o senhor de Linhares. É notavel que o mesmo portuguez, não tendo sido recompensados os seus serviços, se passou depois a Castella. — Lembrou-se por essa occasião D. João 1.^o de fortalecer a cidade com mais dilatada cerca de muros que a de D. Afonso o Magno, abrangendo com o novo recinto não só a cidadella, mas tambem algumas ruas, que se tinham alargado para fóra. D'alguns capitulos das côrtes de Lisboa de 1412, destinados especialmente a Vizeu, consta que nesse anno se tractava com muita actividade da erecção dos muros da mesma cidade, concorrendo os moradores, e tambem os povos na distancia de duas leguas. Poz-se ponto na obra, que não passou dos alicerces, segura a paz com o reino de Castella em 1399, sendo provavel que parasse logo no armistício pouco anterior. De outros capitulos, offerecidos nas côrtes de Lisboa do anno de 1439 e desembargados para Vizeu em 5 de Janeiro de 1440, vê-se que — *Esta cidade era devassa e sem cerca, e não tinha outro muro se não a Deus e a mercê d'elrei; e portanto havia o concelho determinado tapar algumas ruas menos necessarias, e pôr, nas outras, portas grandes, firmes e seguras, para que succedendo alguma revolução entre estes reinos e Castella se podessem defender dos corredores da terra, pedindo em conclusão que sua mercê fosse..... mandar que sem distincção de pessoas ecclesiasticas ou seculares todos concorressem ou pelos corpos ou pelos bens.* Ainda nas côrtes celebradas na Guarda em 1465 o povo de Vizeu tornou a supplicar a elrei lhe mandasse concluir a cerca começada, allegando que a cidade já tinha sido infestada e queimada pelos corredores castelhanos. Comtudo só em tempo de D. Afonso 5.^o se fizeram as muralhas, acabando-se a obra em 1472. — Estendeu-se com a diuturnidade dos tempos a população; sendo maior o numero dos habitantes alem do velho recinto do que o dos habitantes desse ambito. Vejam quanto não seria populosa Vizeu nessas eras! Parece-nos que em nossos dias tem alcançado esta cidade maior importancia: é o mercado da Beira-Alta, e a sua posição lhe facilita o commercio com os districtos visinhos. Estâmos persuadidos que esta Vizeu de hoje vale mais que a antiga: vanglorie-se pois de ter o seu assento no fecundo solo portuguez; porque mui opulentas e com prioridade de muitos seculos existiram na Asia cidades celeberrimas, magnificas em edificios, copiosas no trafico, e soberbas com o numero de seus visinhos; e agora apenas existem dellas os truncados monumentos, que o viajante contemplativo e o antiquario maniaco vão observar melancolicamente, a despeito dos perigos do deserto. Benigno é o solo e o destino do povo portuguez, porque de ruinas renovam-se povoações, mais

(*) Vid. Panorama vol. 1.^o pag. 15.

felizes e abundantes que as de outras regiões da terra. Nem sanha de barbaros, nem inveja de limitrophes atenuavam Vizeu; serenando-se as guerreiras tempestades resurgia como no tempo vigoroso da mocidade. Faremos uma observação geral: cahiu Tyro, porque as suas riquezas lhe viuham de fóra, estava sobre uma lingua de terra esteril e inculta; Carthago, notavel pela avareza e pela desconfiança, tambem pereceu; seu territorio era ingrato, mas nem o estenderam nem o agricultaram, como lhes cumpria. Da Grecia não fallemos que as intestinas discórdias a assassinaram: de Roma só ha a dizer que em quanto os seus dictadores repousavam o arado para empunhar a lança, prosperos correram os seus successos, mas que depois que o fausto oriental se lhe incarnou nos ossos deu logo a republica manifestos signaes de podridão e morte. A actividade da industria, segundo as facultades dos povos; o aperfeiçoamento da cultura, na proporção da qualidade do terreno, são os elementos da prosperidade nacional: não menos o é o commercio, que entre si vincula as nações e transporta a umas o que n'outras superabunda; mas este commercio não é só interior, é mais especial das nações senhoras de portos maritimos; não só é a via de permutação, é tambem a de comunicação do trafico interno d'um paiz para a sahida dos generos, que, por falta de consumo, não achariam extracção dentro d'um limitado districto. Não ha duvida que grandes facilidades se promovem ao giro e expedição das fazendas mediante canaes e rios navegaveis: quem contestará esta verdade? — Mas se olharmos para Vizeu, e vir-mos qual é a affluencia do seu mercado, sendo uma terra central, quasi desistiremos de assentir ás proposições geraes dos economistas. Todavia não nos preocupemos com apparencias. Porque isto vai bem, não poderá melhorar-se? — Toda a gente dirá que ao alvo da perfeição todos nós atirâmos, mas que a distancia para se lhe chegar ainda é muita. Se as estradas e todos os meios de transito se melhorarem, quem duvida de que um grande numero de copiosas povoações, do coração do reino, obterão grandes vantagens e com ellas a nação inteira recolherá importantes lucros? — Livre-nos Deus da esterilidade com que a sua mão divina puniu o Egypto (por sete annos nada menos) que nós não precisaremos de pão, carne, azeite, e vinho, estrangeiros. Com o allivio dos tributos exaggerados a nossa agricultura cresceu, deu mostras de si em pouco tempo, e exportou!.. E que assomos de prosperidade publica não são estes para o futuro? Necessario é que a classe mais productora do nosso paiz, a classe agricola, seja favorecida: della vivemos todos directa ou indirectamente; e o commercio com ella se aviventa.

Segue-se que em nosso torrão temos optimos recursos, porque elle produz em abundancia os generos mais necessarios á vida; que temos superabundancia delles para commutar por artefactos, que ainda nos não convem ou não podemos fabricar; e que a nossa posição geographica no globo é tão feliz que sem deixarmos de ser agricultores em larguissima escala podemos ser navegadores e commerciantes, entremeadando os nossos interesses com os das nações civilisadas, sem prejuizo dellas e sempre com proveito nosso. Desejâmos em nossa terra juizo e probidade (não porque estas essenciaes qualidades nos faltem, mas porque a negligencia nos tem feito grandissimo mal); e fiadores seremos de que a nação portugueza hade recobrar o seu logar na jerarchia das nações europeas.

Sujeitos somos, nós que humildemente estas linhas escrevemos, a divagar do assumpto; contâmos porem que os leitores, animados pelo amor da patria, concordarão com as nossas reflexões, e que dando des-

conto á exposição, que não sabemos fazer melhor, acceptarão as consequencias, como nascidas de zelo. Portugal é essencialmente agricultor e commerciante; e fiquemos nisto que ficâmos bem, sem excluir os ramos da industria que entre nós prosperam.

Voltando á historia de Vizeu, achâmos que as muralhas, que a guarneceram, foram feitas em tempo de D. Affonso 5.^o e se concluíram em 1472, como consta de uma lapide, que ainda hoje se vê da parte de fóra do *Suar*. Mais tarde a cidade se estendeu alem dos muros, e hoje comprehende quasi tantos fogos da banda de fóra, como os que contivera no antigo recinto. Fracos vestigios se divisam desta cerca, e apenas restam tres arcos das portas, que teve, sendo todos conhecidos pelo nome de algum St.^o, cuja imagem, a piedade dos povos nelles collocára como sentinellas e guardas contra invasões de inimigos. Em tempo de D. João 4.^o, quando este monarcha elegeu para Padroeira do reino a Mãe de Deus, sob a invocação de Senhora da Conceição, assentaram-se em cima das portas umas lapides com a inscripção latina, que declarava este voto, como achâmos em todas as obras do mesmo reinado.

E tambem Vizeu conhecida nas chronicas portuguezas, por haver dado nascimento a elrei D. Duarte. A mãe do nosso primeiro rei, D. Tareja ou Theresa habitou nella por algum tempo, e alguns de nossos principes a honraram com sua presença. No cartorio do cabido se conserva o original do foral que em 1123 lhe déra a mesma Sr.^a D. Tareja; o A. do *Elucidario* o cita, e o nosso correspondente em sua erudita memoria assevera a sua existencia, e diz que lá o poderá consultar e tomar conhecimento das doações e privilegios, que encerra, quem não estiver pelo testemunho do mencionado auctor.

E de presumir que D. Affonso H. nas desavenças que tivera com sua mãe, julgasse irritado e nullo este foral, dando outro, de sua auctoridade, que foi confirmado por seu filho e successor, mas de que não existe traslado no cartorio da camara, conservando-se o autographo do que foi mandado reformar por elrei D. Manuel, com data de 15 de Dezembro de 1513.

Reinando D. João 1.^o, celebraram-se côrtes em Vizeu, no mez de Dezembro de 1429 (anno de C. de 1391), como se prova de umas memorias que dellas existem no cartorio da camara de Coimbra, por uns artigos desembargados para esta cidade em 16 do dito mez e anno; assim como ha outros desembargados na mesma epocha para a cidade do Porto. Em um pergaminho da camara de Ponte de Lima existem oito capitulos das mesmas côrtes; entre elles um que diz assim: — 6.^o — «Outro sy nos disserom em outro capitolo que nos pediam por mercêe que se guerra veesse, coussa que Deus nom mande, que os que erdades teverem em lugar que as nom possam lavrar com receo dos inimigos, porque nom ham dellas proll que lhe nom sejam contadas nos ditos pedidos. A esto respondemos que elles pedem bem e que lhe agradecemos muyto tal petitorio.» — Em carta de 20 de Dezembro: era 1429. — Pergaminho 3.^o da Camara de Ponte de Lima.

Entre as glorias de Vizeu se numera a do titulo do celebrê infante D. Henrique, que foi o primeiro duque de Vizeu. Ainda hoje na rua da Cadêa existe a casa chamada da *torre*, onde estão collocadas por cima de uma janella gothica as armas dos nobres descendentes da dynastia Joanina: o escudo espartilhado apresenta cinco cotos d'azas e a cruz d'Aviz cercada das quinas de Portugal. O mesmo se encontra na tosca parede de uma casa, no centro da povoação da Agueira, que pelo estilo de duas portas se observa ter sido mais decente morada.



ZIMBORIO DA SÉ DE WORMS.

WORMS, no grão-ducado de Darmstadt (*), e na margem esquerda do Rheno, é antiga cidade, cheia de ruínas que attestam o seu esplendor em outras eras. Celebraram-se nella muitos concilios e dietas do imperio; entre os primeiros distingue-se o de 1122, no qual o imperador Henrique 5.^o e o papa Calixto fixaram a jurisdicção dos bispos; das segundas foram as mais famosas a de 1495 que preparou a paz geral da Allemanha, a de 1517 que a confirmou, e a de 1521 de que resultou o edicto, chamado de Worms, contra Luthero. Todavia esta cidade foi das primeiras que abraçaram a confissão protestante de Augsburgo, e pertinazmente a defenderam. Desde o 13.^o seculo que tivera continuas dissensões com os seus bispos; padeceu muito nas frequentes guerras de que era theatro; e como cidade imperial fez grande papel entre as situadas á beira do Rheno.

(*) E' este um dos pequenos estados d'Allemanha, visinho do Rheno, e cuja soberania pertence a um dos ramos da casa d'Hesse; por isso se intitula grão-ducado d'Hesse-Darmstadt.

As margens deste rio caudaloso, tão celebres pela belleza da paizagem, não menos o são pelas maravilhosas tradições inherentes ás ruínas, que cobrem as montanhas proximas: os habitantes são inclinados á superstição, pelo que tem fé em todas as lendas da idade media, nas quaes nunca o diabo deixa de ser a principal personagem. Não ha por aquellas comarcas um precipicio, um rochedo algum tanto escarpado, um pardieiro, que não tenha sua historia de extraordinarias aventuras, que transmittida de geração para geração, ainda hoje se relata aos forasteiros que percorrem esses sitios. N'um logar, contar-vos-hão os barqueiros o como a fada de Lurley alliciava os viajantes incautos com harmoniosos descantes, e encaminhando-os a paragens arriscadas lhes desfazia os bateis de encontro aos rochedos: defronte do castello de Bræmsen referir-vos-hão todos os combates do valente cavalleiro do mesmo nome, e por que maneira se houve na Palestina dando morte a um drago monstruoso, cujos despojos trouxe consigo para trophéu do perigoso feito. Mais adiante apa-

recem ao lume das aguas do Rheno as pontas das sete rochas, denominadas as *sete irmãs*; dir-vos-hão que foram beldades rigorosas, assim transformadas, como os pagãos fingiam, em pena da sua dureza de coração. Ao pé da selva negra, só o lago de Mummelsée á sua parte fornecia materia para um volume de lendas velhas; ahí sabereis que medindo-se nunca se pôde achar-lhe a fundura, que lançando-lhe uma jangada um príncipe do paiz, a jangada sobrou, &c. &c. O valle de Visperthal, os castellos quasi demolidos nas coroas dos outeiros teem suas tradições, mais ou menos singulares e extravagantes; nenhuma porem iguala a do castello de Falkenstein; porque tem sua entrada por um caminho quasi apumado aberto em rocha, e dizem que o diabo o fizera n'uma noite para facilitar a um seu adepto a chegada áquelle alto inacessivel, a fim de lá poder ir acavallo e conseguir desposar-se com a filha do senhor feudal, que o habitava. Vendeu Beppo, que assim o misero pertendente se chamava, a alma a Satanaz sob aquella condição; e sendo rodeado o penedo de Falkenstein de fragosos precipícios, viu o barão cioso, que a todos negava a mão de sua filha, uma estrada que lhe batia na porta do castello, lançada por onde, poucas horas antes, nem as cabras montezes trepariam; viu mais um cavalleiro galopando por ella acima, e reconheceu que era Beppo, o mais odiado de todos os seus presumptivos genros. Ancias lhe apertaram o coração, porque dera sua palavra que lhe concederia a filha para esposa, quando elle Beppo conseguisse transpor montado n'um corsel aquella aspera penedia, e bater desta maneira ao limiar dos seus paços. Mas ao impeto da raiva seguiu-se um vislumbre de regozijo, e logo um sentimento de compaixão, quando viu o desgraçado mancebo, no acto de tocar a meta desejada, despenhar-se e rolar envolto em sangue e pó até parar meio desfeito na escarpa da montanha. Satanaz cumprira o que promettêra, a estrada ficou, e dois tambem ficaram miseravelmente illudidos; o barão com o castello devassado, e o infelicissimo Beppo com a alma abismada no inferno. A calçada ingreme ainda hoje se chama *o caminho do diabo*. Com estes e semelhantes contos adormentam os camponezes do Rheno os parvos e as creangas, como as velhas das nossas provincias exaltando as maravilhas da varinha de condão: com uma differença porem, que nós, povos meridionaes, temos contos de boas fadas, e pela maior parte acabam em bem; mas a gente do norte tem grande propensão para historias de diabos, cujos desenlaces são ordinariamente tragicos.

VARIÉDADES DA ESPECIE HUMANA.

O HOMEM sugeito pela sua organização a nascer, crescer e morrer, é tambem sugeito ás leis que dominam todos os outros entes animados; distingue-o porem uma feição tão peculiar e tão sublime que é impossivel confundi-lo, mesmo remotamente, com os outros animaes, cujas funções sobre a terra se limitam só a nutrir-se e propagar a sua especie. — A postura do homem direita e alta indicando coragem e dignidade, as suas mãos, instrumentos doces da vontade, e que executam as mais uteis e as mais magnificas obras, os seus olhos que sondam a profundidade dos céus, os orgãos da voz, a união admiravel da força e da agilidade nos membros, finalmente a perfeição que se observa em todos os seus sentidos, tudo lhe assigna o primeiro logar entre os entes creados e lhe dá direito de reclamar o imperio do mundo. Os anatomicos e os physiologistas tem estabele-

cido esta verdade de um modo incontestavel, e daqui se conhece que erraram aquelles naturalistas que quizeram confundir a especie humana com a dos macacos, não attendendo á differença dos pés, ao orgão da palavra e aos sons da voz: — as imperfeições apparentes, que alguns tem querido mostrar na organização humana, contribuem pelo contrario para aperfeiçoar a nossa especie e melhorar sua condição; se o homem fosse dotado da força do leão, ou fosse defendido por uma saia de malha como o elephante, é provavel que durante a sua existencia estivesse sepultado em uma somnolencia involuntaria e insuperavel, e em uma ignorancia completa de todas as artes da vida civilizada. A fraqueza summa da machina humana no momento do seu nascimento, a multiplicidade das suas necessidades e suas muitas doencas, são estes os incentivos mais fortes que excitam as nossas faculdades entorpecidas, e são outras tantas cadêas que nos ligam aos outros homens: daqui nasceu a sociedade civil; porque a fraqueza tão prolongada da infancia, que lhe faz necessaria por muito tempo a assistencia de seus pais, estabelece entre os dois esposos aquellas relações de affeição sobre ás quaes se edifica mais tarde a união permanente do gremio da familia. É a união das familias a que precede as primitivas associações humanas, e se transforma depois em sociedades de tribus e nações: é approximando-se dos seus semelhantes, e vivendo debaixo de uma lei commum a todos, que o homem se faz verdadeiramente homem e se põe acima dos mais animaes: é inventando os instrumentos que auxiliam a sua fraqueza que elle consegue dominar e dirigir as forças inferiores da natureza. — O homem conhece a sua fraqueza e este conhecimento o lançou no caminho da verdadeira riqueza, a do trabalho, da applicação e da invenção. O homem separado dos outros animaes por estas differenças characteristics, faz na escala geral dos entes criados uma ordem á parte, que não encerra senão um *genero* e uma *especie*. As differenças que se observam nas grandes familias da especie humana não devem ser consideradas senão como umas differenças de *raças*, porque estas differenças se limitam somente a qualidades e circumstancias que variam a cada passo por causas accidentaes, como alimentos, doencas, e emfim diversas outras influencias do clima; estas differenças observam-se na estatura, na phisionomia, na côr da pelle, na côr e natureza dos cabellos, e na fórma do craneo. Ora todos sabem que uma vida simples, uma comida abundante e um ar saudavel dão a todos os entes organizados fórmas largas e graciosas; para próva disto comparemos os laponios e os hungaros: a semelhança da linguagem mostra que os dois povos tiveram uma origem commum, e que ambos pertencem á grande familia *fioneza*; apesar disso que differença entre os dois na estatura e na conformação? Os laponios são conhecidos pela pequenez da estatura e pela fealdade das feições; os hungaros são formosos, bemfeitos e altos; eis-aqui a próva de que a mesma raça pôde ser modificada nas suas fórmas pelo clima e pelas condições phisicas do paiz onde nasce ou se estabelece. — Os alemães de hoje não se parecem nada com os que Tacito descreve no tempo em que os romanos conquistaram a Alemanha. — O hollandez tem no seu paiz uma estatura ordinaria; mas no cabo da Boa-Esperança é agigantado. — Quantos contrastes se observam na mesma nação e entre os individuos della, muitas vezes a pequena distancia! A gente do campo da Westrogothia é muito formosa; os da Dalecarlia são geralmente feios, e com tudo estas duas provincias da Suecia occupam o centro do antigo paiz dos godos: — é

difficiloso assignar as causas desta differença nos paizes civilisados; paixões violentas, occupaões diversas, uma vida activa ou sedentaria dão á phisionomia de uma nação inteira um caracter peculiar: a differença na côr parece que depende em grande parte das causas exteriores: as mulheres da Mauritania que se expoem pouco ao sol são de uma brancura de pelle extraordinaria, ao mesmo passo que as que andam expostas ao sol teem uma côr que se parece com a do negro das chaminés. — Os habitantes das montanhas e logares altos da Abissinia são da mesma côr dos hespanhoes e dos napolitanos; os que habitam as planicies do mesmo paiz são quasi pretos. Leis geraes, mas que tem suas excepções, servem para explicar as differenças na estatura e na côr; a estatura diminue á proporção que nos avisinhamos do pólo, e augmenta no equador: igualmente se observa que a côr da pelle e a dos cabellos é mais clara nos paizes do norte, e mais escura chegando-nos á zona torrida; todavia ha factos contrarios que parecem indicar que a côr dos cabellos é devida a causas diversas; porem nas nações barbaras da Asia, Africa e America observa-se a mesma côr dos cabellos em differentes climas. — O italiano com os seus cabellos pretos, e o habitante da Scandinavia com as suas tranças louras pertencem á mesma raça, e são vivas imagens da acção do clima: os laponios da Europa, e os samoiedas da Asia tem os cabellos tão pretos e asperos como os habitantes do Mogol e da China. — As variedades da conformação do craneo são mais importantes do que todas as outras de que temos fallado; todavia como as descubertas dos phisiologistas tem mostrado que a figura exterior do craneo depende da fórma do cerebro, é difficiloso imaginar que esta substancia tão molle possa apresentar em caso algum um caracter bem distincto para mostrar sem duvida alguma a variedade das especies; os mesmos phisiologistas dizem que a fórma do craneo denota, tanto como a phisionomia, o caracter moral dos individuos; e ainda que seja impossivel assignar a cada paixão e a cada faculdade um organ separado no cerebro, é com tudo certo que os homens de grandes talentos e grandes paixões tem na cabeça mais protuberancias ou alturas exteriores que o vulgar dos outros homens; e é notavel que os povos que tem entre si mais similhanças, e se misturam menos com os outros povos, são aquelles cujos craneos são mais homogeneos; assim quem tem visto a cabeça de um habitante da India tem visto as cabeças de toda a nação: na Europa é o contrario; ha mil fórmas de craneos, e mesmo é commum aquella que menos se assemelha ao que entre nós se entende ser o *typo* regular. Não fallaremos agora da fórma das cabeças que é modificada por meios artificiaes; todos sabem que apertando a cabeça de um menino por alguns annos se lhe faz tomar uma certa figura, a qual com o tempo se pôde fazer nacional. Ha muitos seculos os alemães tinham a cabeça chata na parte posterior, e as fontes mais largas e compridas, porque estando no berço os deitavam e conservavam constantemente de costas. — O uso barbaro de apertar as cabeças dos meninos para lhes dar certa fórma é ainda hoje seguido em paizes civilisados da Europa — na Belgica, muitas partes da Alemanha, na França, e em alguns cantões da Italia: este facto attestado por homens de toda a fé e verdade é irrecusavel; resta portanto examinar se uma tal conformação de cabeça, alcançada por meios artificiaes, se fará natural e hereditaria depois de muitas gerações.

X. de Araujo.

PEDIDOS DE CÔRTEZ, EM TEMPO DE D. MANUEL.

EM tempos, como os actuaes, em que tanto se tem vulgarisado os governos representativos segundo as modernas theorias, pareceu-nos vir a proposito o dar uma idéa do modo como as antigas côrtes se dirigiam ao soberano, e da maneira porque este deliberava á vista dos *capitulos* que as mesmas côrtes lhe apresentavam. O que abaixo se segue é extraído do *capitulo XXVI* da chronica d'elrei D. Manuel escripta por Damião de Goes, e servirá não só para os fins indicados, como para dar aos nossos leitores um *specimen* da linguagem e orthographia de um dos nossos mais estimados chronistas, ácerca do qual se encontrarão curiosas noticias a paginas 110 do 1.^o volume deste jornal.

«Pera ha resolução deste negocio ordenou elRei cortes em Lisboa, nas quaes se assentou ser mui necessaria sua ida a Castella, pera ho que se logo começou apreceber — Nestas cortes fez elRei algúas ordenasões necessarias para bem do regno, e a requerimento dos poucos tirou hos officios de Annadês e Coudês Mores, assim hos menores de cada um destes com totalas jurdições que tinham com hos taes cargos, por excusar muitas oppressões que o regno por caso dos taes officios recebia sem delles haver necessidade, dos quaes deixou somente hos Annadês mores dos besteiros do monte a que chamão da fraldilha, e dos espinguardeiros, por serem necessarios, assi pera serviço do regno, como dos lugares Dafrica, e soccorro delles, e aos officiaes mores e menores dos officios que tirou satisfez com outras mercês. Deuassou geralmente totalas coutadas de rios e montes do regno, excepto algúas poucas que reserou pera seu uso, ho que foi causa unica de hos preços de todo o genero de caça alevantarem, porque quando os fidalgos tinham coutadas particulares criuasse nellas muita caça e pescados, e em tanta quantidade que podião ter suas casas abastadas, e mandar vender outra de que fazião renda pera ajuda do seu sustentamento, e dauasse tudo bom mercado pela grande abundancia que destas cousas então havia. Aleuantou os monteiros em certas montarias, que não havia delles necessidade, e fez outras observaões e pramicas de que por ho processo ser mui cumprido me pareceu excusado poer aqui mais que os capitulos seguintes de verbo a verbo, por serem de calidade que poderão servir neste nosso tempo, e no que está por vir. «Pediram hos estados do regno que has tenças obrigarias que se punhão pelos casamentos aos fidalgos e donzellas se não dessem mais, e que ho quizesse elRei correger, e emendar por prol commum de seus vassallos.

Resposta.

Nós temos ordenado em nossa fazenda que hos casamentos que se agora desembargão se paguem a dinheiro, sem poer de novo tenças por elles, e algús, que ficarão do tempo passado, temos proposito de hos mandar pagar ho mais cedo que se possa fazer, e assi do tempo delRei meu senhor e primo que Deos haja, tal ordenança ficou em nossa fazenda. —

Item — Que não trouxesse tantos officiaes e moradores, e os quizesse reduzir a menos conto.

Resposta.

Hos mais dos nossos moradores forão criados delRei meu senhor e primo, hos quaes não podemos deixar de agasalhar, porque seria cruesa fazermos o contrario; hos outros são de nossa casa com outros que nos recrecerão, de que não nos podemos excusar: mas posto que nosso desejo seja fazer a todos mercê por disso leuarmos grande gosto, comtudo d'aqui por

diante folgaremos de continuar na milhor maneira que podermos. —

Item — Que lhe prouesse deixar de levar has sisas, e has soltasse liurementemente.

Resposta.

Pelo grande amor que temos a nossos pouos, nos podéra consentir mal ha vontade, e muito menos ha consciencia de levar has sisas, se não achassemos que has louamos bem e sem nenhum carregio, e se al nos parecesse, em caso que ha cantidade da renda, e proueito fosse maior, folgariamos muito mais de has deixar que de has levar, quanto mais que essas mesmas sisas com outras muitas rendas, e direitos nossos, lá donde vem, lá se tornão a converter, soprindo sempre com ellas nossos antecessores, e assi nos, muitos carregios, e inconuenientes que polas ahí não hauer necessariamente poderião recrer ao regno, e assi muitos proueitos, dando moradias, tenças, e assi outras ajudas de vida e encaminhamento a filhos e filhas de fidalgos, caualleiros, escudeiros, e a todo outro genero de nossos naturaes, por onde alem da muita rasão e descarrego com que has ditas sisas leuamos só portanta bemfeitoria, que da renda dellas, com outros nossos direitos a nossos naturaes redundam, deuia certo pesar muito a nossos pouos se has não tiuessemos. —

Item — Que ho povo recebe muito dano por nos regnos hauer muitas coutadas, e officiaes dellas, polo que reseruando algũas para desporto delRei lhe pedem que desconte has outras ficando guardadas has coutadas antigas das pessoas particulares.

Resposta.

Has hauemos por descoutadas, tirando ha coutada da nossa cidade Deuora, de lebres, e perdises, e Almeirim, e Syntra, e de Riba Tejo desda Chamusca até ho barquo das inguias, e do rio de COUNA até Azeitão e Cezimbra com totalas coutadas antigas, que dentro deste limite ha até Coruche, e a Herra, e has coutadas antigas que ha na ribeira de Canha e Cabrella, e has montanhas Desoio e Cabril, e todo o termo Dalcacer, com a charneca da Landeira, e alli mesmo has matas e montarias Dobidos com totalas outras da serra, e assi ficara ho paul Dota, e totalas outras fiquem descoutadas. —

Item — Que hos physicos não receptem has mesinhãs se não em linguagem.

Resposta.

Assi como nolo pedis volo outorgamos, com penna ao boticario que não use mais ho officio de dar has mezinhas per recepta em latim, e mais pague dous mil reaes, pera quem o accusar, e em outra tanta penna queremos que encorra ho physico, que per latim receptar, e não per linguagem, quomo dito he.

As quaes Cortes forão começadas em Lisboa aos 21 dias do mes de Feuereiro do anno do Senhor de 1498, e forão findas e acabadas, e publicadas aos procuradores das cidades, villas, e lugares na mesma cidade, aos 24 dias do mes de Março do mesmo anno, escriptas per Antonio Carneiro.

DA CULTURA DAS OLIVEIRAS.

No OUTONO, depois de plantadas as arvores novas, se cava a terra á roda do pé largamente, até descubrir as barbas mestras, e então se cortam todas as raizes mais superficiaes, nascidas no tronco que se descobriu; porque desde o principio convem obrigar a planta a tirar o seu nutrimento das raizes mais baixas, que sendo menos expostas aos excessos do calor e do frio, se acham sempre em estado de tirar me-

lhor o nutrimento necessario da terra: alem de que, quanto mais baixas são as raizes, tanto menos são expostas ás offensas dos instrumentos rusticos dos trabalhadores, quando lavram a terra. Depois disto devem-se governar com a sua terra á roda, misturada novamente com um pouco de estrume substancioso, sem calca-la, tornando a metter o páu que as sustentava (naquella posição e distancia que parecer mais favoravel) ao qual se atará a planta com a caudella e diligencia já indicada, para não offender de modo algum a casca.

Examinem-se igualmente os ramos de cada planta, e se se achar sahido algum ramo, muito crescido, mal situado, e que dirigindo-se no meio dos outros possa causar confusão, este se córte logo com a diligencia devida e já recommendada, para que não tire o nutrimento necessario aos outros, nem impida a sua livre, e bem regulada extensão, que deve formar a bella e conveniente figura da oliveira.

Se pela grande secca as plantas postas de novo principiarem a padecer, o unico remedio será rega-las: de outro modo poderiam muitas faltar.

Poderá succeder, que alguma daquellas arvoresinhas não esteja pegada senão fracamente, por algum accidente acontecido ou no tirar-se do viveiro, ou no transportar-se á sua cova, ou por outra qualquer causa; e que a mesma mostrando por isso a sua languidez, dê pouca esperanza de medrar bem. Uma planta similhante merece ser logo arrancada, e rejeitada; porque nunca chegará a pagar o trabalho, que se empregar para a restabelecer: e examinada bem a causa, donde procedeu o seu defeito, deverá remediar-se opportunamente antes de pôr outra planta no lugar della, para que a nova não tenha de encontrar o mesmo destino.

No segundo anno se porão em prática todas as regras até agora descriptas, sem cortar mais outros ramos do que aquelles, que poderem causar confusão, ou romper a boa economia da planta.

Passado o anno segundo, e nos seguintes, alem das excavações referidas, suppressão das raizes superficiaes &c. se poderão cortar mais francamente aquelles ramos, que se julgarem inuteis e superfluos para a boa figura da arvore: sendo que esta com os seus ramos se deve reduzir a tal altura, que não possa ser damnificada pelos animaes; e ao mesmo tempo convem regula-la com o córte, para que tome e conserve uma grandeza proporcionada e commoda, onde se possam applicar facilmente as escadas quando der fructo, para naturalmente gosar do beneficio de se fazer a colheita das azeitonas á mão, e assim tirar mil commodos, tanto pela abundancia, como pela qualidade do azeite: ao depois se cortarão todos aquelles ramos, que mostrarem ter sido abandonados da natureza, ou totalmente seccos; e aquelles tambem, que forem miudos e entrelaçados com os outros, que não fazem mais do que assombrar, e embaraçar as plantas: cortar-se-hão as pontas daquelles, que por muito vigorosos mostrarem levantar-se sobre os outros fóra de medida. Em geral quando se quizer dispôr a oliveira para dar maior fructo, e de melhor qualidade, necessita-se tê-la baixa, clara, toda exposta ao Sol, limpa, e descarregada da multiplicidade dos ramos superfluos, enfermos, e seccos. Porque, nem todos os ramos, que a oliveira produz, sempre dão fructo.

Fazendo no quarto anno a excavação á roda da oliveira, esta deverá ser mais funda, do que são as raizes mestras, sem offende-las, e sem encostar-se ao tronco da arvore, deixando á roda do mesmo o seu torrão de terra. Depois misturada a terra cavada com o estrume costumado bem miudo e substancioso,

se governarão novamente as plantas. Finalmente se recalçará também o pé, desfazendo a terra do torrão deixado á roda; e se cortarão, como é costume, as barbas superficiaes.

No fim do quarto ou quinto anno da sua plantação, quem tiver cultivado as oliveiras novas como até aqui fica referido, as verá já feitas, robustas e capazes de resistir por si só, sem algum outro apoio, contra o impeto dos ventos, e principiarão a pagar com o seu fructo bem condicionado o trabalho e despesa do industrioso lavrador.

Depois dos dois annos se principiarão a regular os seus ramos com o córte, deixando um ou dois mais robustos, e melhor situados, junto á extremidade superior, oppostos um a outro; e cortando sobre estes mesmos aquelles raminhos que encruzarem ao de dentro, e ainda os outros lateraes á roda, quando a planta não fosse alta bastantemente para poder estar livre de qualquer insulto dos animaes. Mas isto deve fazer-se com grande reserva, principalmente se a planta por si mesma é muito baixa: porque quem cortasse todos os ramos lateraes sobre os dois principaes, deixados de proposito para formar a planta, reduzindo-os só a conservar o cimo, então privallos-hia daquelles canaes, que servem a conduzir, e derramar o succo nutritivo, que ao mesmo tempo concorre a engrossa-los; o qual não podendo achar passagem sufficiente para o ramo principal, nú e despojado, forcejaria antes, e com isto desarranjaria os seus vasos; e por fim, retrocedendo, desembocaria por outras partes, e perder-se-hia por meio de novos ramos inuteis, que sahiriam na cabeça ou nas costas do tronco baixo. Daqui vem, que sobre os dois ramos deixados convem regular o córte dos seus raminhos, em quanto aquelles não se fazem capazes de receber immediatamente todo o nutrimento, que as raizes lhes podem subministrar.

Quando porem a planta fosse muito baixa, depois de se terem deixado subsistir os dois ramos mais robustos do modo referido, deve-se espartar o mais fraco na altura de dois ou tres palmos: porque assim como o mais robusto, e melhor situado deve servir para formar a oliveira, assim o outro serve para facilitar a circulação, e chamar ainda o nutrimento para aquella parte, que de outra fórma ficaria abandonada da natureza, e facilmente se seccaria, encaminhando-se todo o nutrimento da parte do ramo, sem algum, ou muito pouco proveito do mesmo por então. No quarto anno porem, em que o ramo principal será muito vigoroso para receber e distribuir por si só todo o succo subministrado pelas raizes, então se poderá cortar sem perigo o outro que se deixou, para que não venham a formar-se duas oliveiras sobre o mesmo pé, que se fariam mal promiscuamente.

Se acaso no primeiro tempo de cavar estas plantas á roda do pé, se achasse alguma, que não tivesse ainda lançado ramos, deve ser bem examinado se isto procede de alguma doença, ou de alguma especie de lethargo, em que ás vezes cáem as plantas novamente transplantadas, estando, por assim dizer, quasi adormecida a sua faculdade vegetativa. Para este fim se córta um pouco a casca em varios logares, e achando-se de cór escura, amarellada, e livida, é signal manifesto de que a planta está doente; e sem algum outro exame se deve rejeitar, preparando no seu logar a cova, para se pôr outra nova a seu tempo. Se porem a planta conserva a sua casca saã, branca por dentro, verde por fóra, inchada, e cheia de succo, com certas prominencias pequenas espalhadas aqui e alli, e de cór esbranquiçada, que parecem estar para abrir-se e arrebentar; neste caso se governa, e se re-

calça com a mesma terra, tornando-a ao depois a visitar na Primavera, para lhe apartar a terra á roda: e ver-se-ha, que, posto que mais tarde, sahirão por fim os ramos com tanta força, que em breve tempo chegarão áquelle estado de vegetação, que as outras plantas mais antecipadamente tinham adquirido. Quando porem se achasse alguma outra planta, a qual não tivesse lançado senão ramos poucos, e pequenos, e de má cór tirando para escuro, não é necessario fazer outros exames para a rejeitar immediatamente, porque aquelles miseraveis renovos são um contra-signal anticipado, e seguro de uma má planta, de que se não pode fazer algum cabedal.

A INGLATERRA e a França unidas são mais fortes que o restante da Europa. Se a França e a Inglaterra forem rivaes, da sua rivalidade nascerão os maiores males para essas duas nações e para toda a Europa: se pelo contrario se ligarem em interesses, como combinam em principios politicos pela similitude de seus governos, ambas repousarão tranquilas e felizes e a Europa contará com a paz. — *Extracto d'um folheto impresso em 1814.*

Signaes de desaprovação nos theatros. — Na Grecia antiga os espectadores, quando não estavam contentes com os actores, atiravam-lhes com figos, azeitonas, engaços d'uvas e cousas semelhantes, como consta da apostrophe que Demosthenes, no seu discurso de *Corona*, dirige a Eschines, que fóra actor. Não era isto bom, mas sempre era melhor do que arremegar contra aquella pobre gente moedas de bronze de 40 réis. — Parece que a pratica de asso-biar para reprovar, como a de bater palmas para applaudir, começára em Roma, no tempo d'Augusto. O uso de dar pateadas, ou escoucear como as bestas, não sabemos quando teve principio.

Manias d'oradores. — O homem de grande força intellectual, ou de organização physica mais activa, não consegue assentar os pensamentos sem distracção, senão dando ao corpo algum exercicio, que parece indifferente, mas que é necessario. Até ha exemplos que provam que o orgam completo da faculdade intelligente não manteria a indispensavel actividade nas almas mais energicas, senão tivessem uma tal ou qual distracção. — Plutarco diz que o grande Pompeu, quando fallava, esfregava de continuo a testa com o dedo minimo. Cicero, o mais assombroso orador desde que ha homens, tinha o mau habito de coçar o nariz a cada passo com o dedo polle-gar. Mirabeau, tão notavel na tribuna da revolução, o unico que chegou a igualar a vehemencia dos antigos, estava sempre a estopetar os cabellos, ou a derriçar pelas pregas da guarnição da camisa, a que chamava-mos periquitos. Vergniaud divertia-se com uns guizos que trazia pendurados da cadêa do relógio. Robespierre, malvado, mas iracundo e forte, tocava com ambas as mãos sobre a tabua da tribuna, como se estivesse sentado a um piano. Sabida é a balda dos poetas improvisadores, que roem as unhas até ao sabugo: mas não tanto se tem reparado n'alguns advogados, que a fallar estão dando pulinhos e ás vezes saltos, e de outros que no mesmo nobre exercicio de sua profissão se embalouçam e applicam o ouvido, como para escutar o que dizem! Mas isto são baldas, não crimes, nem erros: oxalá que todos fossem na oratoria como Cicero, e lhes perdoariamos esses peccados veniaes.